

REVISTA
DE

POESIA

013

DEZ POETAS

COMPARTILHE

SELEÇÃO



EDITORA
Trevo

DEZ POETAS

inscrições foram recebidas entre março e maio de
2023 no site da EDITORA TREVO

GERALDO RAMIERE

MAÍRA LUCIANA

AGATHA PEREGRINO

ELISA VASCONCELLOS

MAURÍCIO SIMIONATO

AÉLCIO DE BRUIM

VALENTINA MACIEL

JULIA PANTIN

ÉRICA JENUINO

DAIANE NAGORSKI

Ilustrações feitas a partir de tela de May Morris
(1862 – 1938), artista, designer e editora britânica.

Edição preparada por Wellington Souza

@wellsouza.art

CARTÃO POSTAL COLECIONÁVEL

GANHE NA COMPRA DE QUALQUER LIVRO NO SITE



NÚMERO ANTERIOR



VEJA MAIS NAS

REDES SOCIAIS



PEÇA COMPLETA



☞ colcha: coruja pendurada

☞ lã sobre linho *Harris*

☞ dimensões: 2 x 1.5 M

☞ localizado na Universidade da Cidade de Birmingham

☞ livro referência *May Morris: Arts & Crafts Designer*



- 6 Apresentação: May Morris
Wellington Souza
- 8 Balada do falso poeta
Geraldo Ramiere
- 10 Escre(viver)
Maíra Luciana
- 11 A voz de minha mãe
Agatha Peregrino
- 13 Soneto de criaturas errantes
Elisa Vasconcellos
- 14 Cascos de albatroz
Maurício Simionato
- 15 A casa
Aélcio de Bruim
- 16 A-corda
Valentina Maciel
- 17 Aforismo
Julia Pantin
- 18 Outro adeus
Érica Jenuino
- 19 Linhagem
Daiane Nagorski



MAY MORRIS

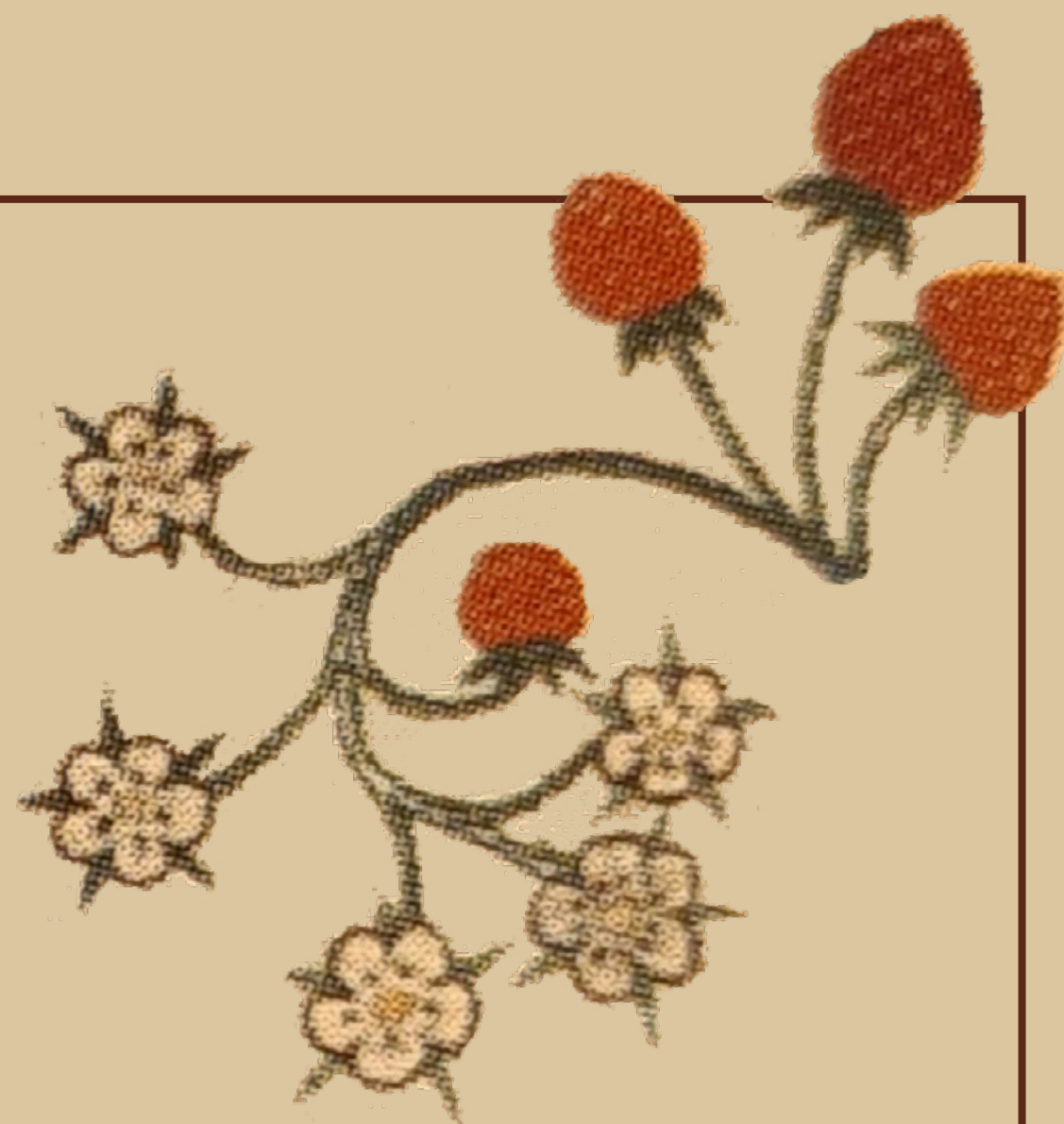
arts & crafts designer

A artista homenageada nesta edição é Mary Morris. Crescida em uma casa de artistas, o pai de *May* foi o famoso editor Willian Morris. Os Morris viveram nos séculos 18 e 19 mas usavam técnicas medievais de tapeçaria, artesanato, impressão e composição de livros.

Nesse ambiente, entre grupos de poetas, artistas e militantes, conduziu o seu fazer para a chamada *arts & crafts*. Para decorar a sua casa ou por encomenda, desenvolvia designs impressionantes.

Desenhava e bordava papéis de parede, quadros, colchas (de cama), almofadas, luvas e tudo mais que pudesse personalizar. Trabalhou também com brincos, anéis, pulseiras e tiaras.

May experimentou misturar técnicas e materiais e as suas peças hoje são estudadas em diversos museus e universidades.



ANTOLOGIA
conto brasil
VOL. 8

PREMIAÇÃO E PUBLICAÇÃO IMPRESSA

INSCRIÇÕES ABERTAS, VEJA NO SITE



PRÊMIO E
ANTOLOGIA
CONTO BRASIL

VOL. 7





Geraldo Ramiere

Planaltina (DF)



BALADA DO FALSO POETA

Caminho, apenas caminho
Escrevo versos com meus passos
E rimas no vento que corta
Tanto a minha como outras faces

As ruas me ouvem
Para elas é este poema
Que murmuro com os olhos
Enquanto prossigo passo a passo

Reconheço-me no transitório
A eternidade do que não permanece
Na poeira e nos estilhaços
É onde escrevo meu poema

Estes falsos versos rimados pelo vento
Não são para poetas verdadeiros
E sim para sorrisos e semblantes
Dos que desencontro quando passo

Para eles, poetas de verdade
Com seus “sapatos” e “marfins iates”
Deixo-lhes os púlpitos e os palcos
Deixo-lhes com suas egocentricidades





Caminho, meramente caminho
Não, não tenho belas histórias
Nem romances pra cantar
Tenho somente estas rimas ao vento

As sombras dos meus primeiros passos
Ainda me seguem e delas ainda preciso
Da mesma maneira que este cão magro
Há horas me acompanha faminto

Estes versos murmurados com os olhos
São para as ruas que me ouvem
Para os que encontro desencontrados
Para os poetas sem verdades

Persigo meus passos, sigo o vento
Escrevo versos de poeira e estilhaços
Ainda há este poema para terminar
Caminho, aparentemente caminho





Máira Luciana

Valparaíso de Goiás (GO)

ESCRE(VIVER)

a literalidade
de ser
mais de
uma

marcada
e registrada
nas entrelinhas
dos versos
que escrevo

uma tradução
fragmentada
da imensidão
que se faz
em mim

multifacetada
e realizada
em minha arte





Agatha Peregrino

Aguai (SP)

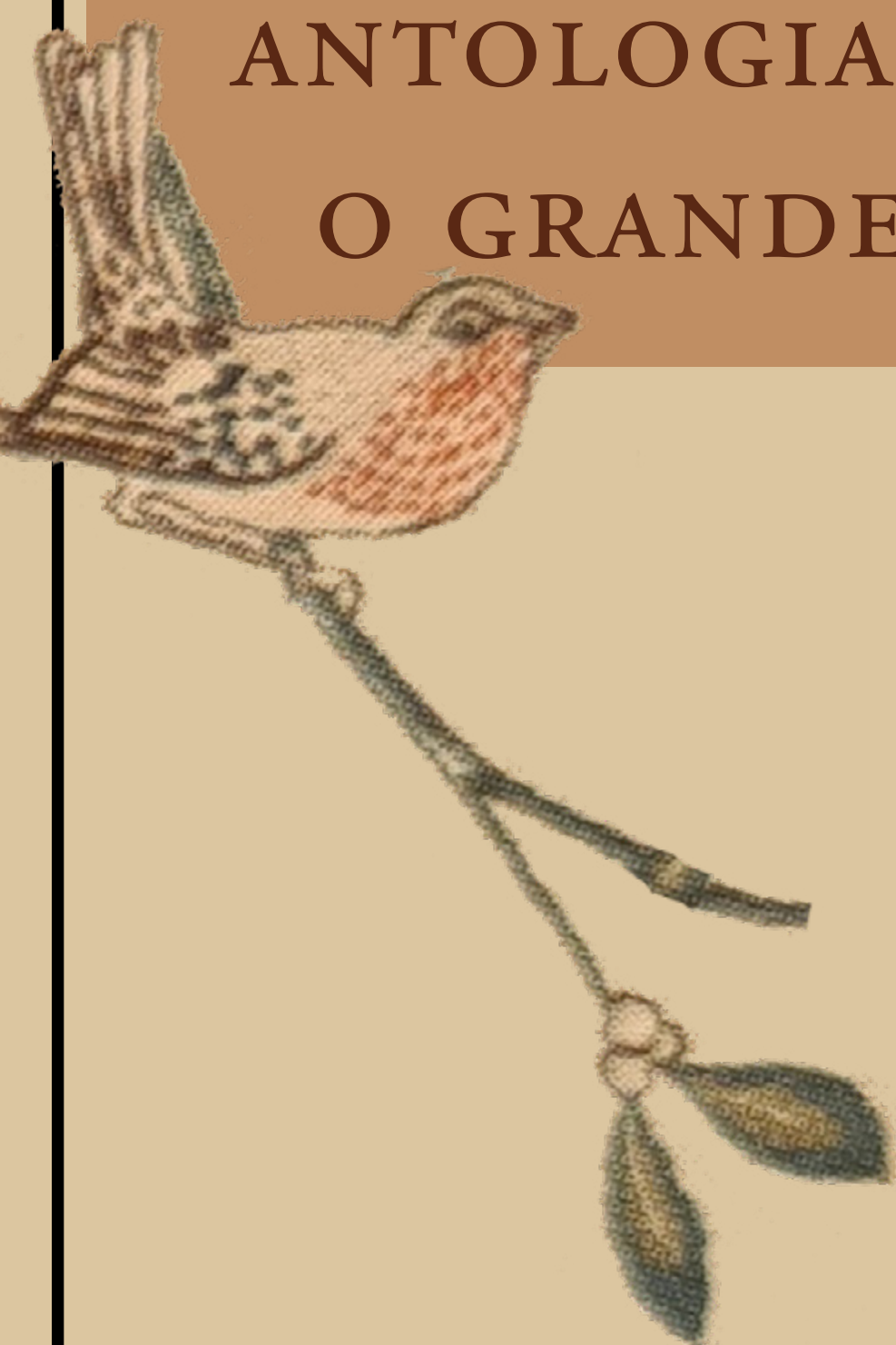
A VOZ DE MINHA MÃE

Oh minha mãe,
Onde estás que não ouves a minha voz?
Que distâncias etéreas haverá entre nós
Até o sombrio âmago da eternidade
Para onde te exilastes ao partir?
Tua amorosa presença permanece comigo
Em devaneios de saudade, discuto contigo.
São tantas as questões que me afligem
(como tu as resolverias?...)
Quantas dúvidas espirituais, éticas, emocionais,
E até uma sugestão para o cardápio do dia!
Tua falta, mãe, desperta sentidos:
Ah, aquele pudim, aquele assado,
servido com pompa, no prato de herança, já lascado.
Ouço tua voz, mãe, cantando notas sentidas
Replay impregnado na memória mais antiga
Tudo é conexo e, no entanto, sem eco.
Clamo ao vazio: – ouve, mãe, a minha voz!
Vem! Inspira-me! Dá-me um norte, uma indicação!
É meu coração que ouve, na mesma hora:
– Filha, vivo em ti! Tua voz é a minha!
São minhas as tuas respostas!



ANTOLOGIA DE POESIA

O GRANDE AMOR EM FLORBELA ESPANCA



EDIÇÃO EM PAPEL NOBRE E
FOTOS **COLORIDAS**



EDITORA
Trevo



CATÁLOGO DE POESIA

São dezenas de livros para oferecer,
conheça o site da nossa editora, mais
leveza no seu dia a dia.



Elisa Vasconcellos



Sete Lagoas (MG)



SONETO DE CRIATURAS ERRANTES

Arrasto uma cauda de estranhos galhos
Que, como veias, se ramificam
Escondo os passos trôpegos, imbróglis
Inertes capilares a eclodirem

Como seria viver sem tropeços?
Na normalidade de risos sóbrios?
Desastrada, em solidão me recolho
A rotina morna de cinza e ócio

Mas te farejei ao se aproximar
Pesada crina de barro nos ombros
Dois bichos famintos, nos atracamos

Era uma vez, o universo que nasce:
Os galhos da minha cauda, raízes.
O barro de sua crina, meu solo





Maurício Simionato



Campinas (SP)

CASCOS DE ALBATROZ

Nem sempre
houve um cavalo
branco nas areias
da madrugada à beira-
mar, havia um
cavalo branco,
mas era na memória
arrebatada, à espreita
a me observar com
um olhar já serpente
de estrela-anã-branca,
ainda está lá o cavalo
branco da manhã transviva
com suas crinas trançadas
e cascos de albatroz,
em fuga na noite,
nem veloz, nem triste: galope.
era só o mesmo cavalo perdido
um dia sonhado por Mallarmé:





Aélcio de Bruim



Cachoeiro de Itapemirim (ES)



A CASA

Pai, aumentei o muro da frente
 Estava muito baixo
 Também fiz uma varanda na frente... ficou show
 Agora posso receber as visitas, mais espaçosamente
 Sempre tem gente aqui a nos visitar.
 As aceroleiras foram definhando... definhando
 E acabaram secando... Morri de dó
 Oh quanto suco de acerola bebi...
 Desde a primeira infância
 Cresci tomando suco naturalíssimo
 Por isso sou assim, disposta... rsss
 Mas hoje de manhã
 Notei que há um broto na cepa
 Vou cuidar... quem sabe... às vezes vinga... tomara!

Vamos colocar forro, na casa
 Também coloquei cerâmica na cozinha... show
 Digo sempre pra todo mundo:
 Tenho muito orgulho da casa que meu pai me deu
 Não é uma casa grande, mas é uma grande casa
 É um grande lar, é meu chão e meu teto... meu paraíso.
 Hoje dormi em meu novo quarto... obrigada pelos presentes
 Nunca pensei que fosse ganhar tanto.

Agora vou mandar pintar a varanda
 Mamãe mandou colocar grade
 Ficou show.
 Quando quiser, pai, pode chegar
 A casa é sua.... a casa é sua, pai.





Valentina Maciel



Brasília (DF)



A-CORDA

no instante
daqueles de quebrar banzo
procurar louça ou
respirar janela

tem sempre uma meia noite
atravessada no sorriso
que encara sozinho

tem sempre um de novo
toda vez que desencontro
na barriga cheia da manhã
tuas sobras no prato

feito dourado
daqueles de espalhar flores
sempre vejo gargalhar

teu nome





Julia Pantin

Indaiatuba (SP)



AFORISMO

procuro com rigor a estrutura das coisas
palavra, corpo, a ligação entre os dois
na livraria do bairro, procuro o que seja divertido

infantil é a coragem de falar mais de si do que do mundo

escrever, por sua vez, exercitar a verdade
o humor começa pelas pernas
beleza é querer repetir cada coisa
(mais um ponto pro nietzsche e pro teu jazz)

é tarefa da poesia desarranjar a linguagem
(aos poucos, acho conforto até na casa desordenada)

em são paulo, as cortinas servem para aliviar o nublado
e o poema, para continuar a ser criança



Érica Jenuino

Tremembé (SP)



OUTRO ADEUS

Morte, para Freud nós sofremos com a morte, porque projetamos no outro a nossa própria morte, outras teorias dizem que sofremos por causa do nosso apego,

Eu não sei

quem está certo,

quem está errado,

mas sei o que sinto,

sinto imenso aperto

e é tão difícil dizer adeus a quem nós queremos bem e até mesmo quem a nós nem queremos tanto.

Lembrar que o som de sua voz só ecoará nas minhas lembranças ainda dói.

Não irei mais acordar com a sua cantoria ou você falando para o cachorro calar a boca,

pequenas coisas que parecem insignificantes, mas que agora fazem todo sentido.

Dizem também, que cada pessoa que morre deixa sua marca nas que ficam

e é assim que você continuará a permanecer.



📷 *Daiane Nagorski*

Joinville (SC)

LINHAGEM

Quando uma folha se desconecta de um galho
Antes do tempo previsto,
Ela é lançada no caos;
Rola de um lado para outro.
Quando acha que pode ficar por um tempo em um lugar;
O vento sopra
Mudando a sua trajetória.
Deixando-a de cabeça para baixo
Quando ela menos espera
As andanças param
Ela amadurece
E se conecta com a terra.



título REVISTA DE POESIA - EDITORA TREVO
NÚMERO 13

organização WELLINGTON SOUZA

produção EDITORA TREVO

projeto gráfico CANTAREIRA

tratamemnto imagens CANTAREIRA

tipografia garamoud pro [adobe]

formato 1242 x 778 PX

número de páginas 20

